



A Construção das Identidades da personagem Marji na HQ *Persépolis*

The Construction of the Identities of the character Marji in the comic *Persépolis*

Wanessa Rodovalho Melo OLIVEIRA*

Dircel Aparecida KAILER**

RESUMO: O presente estudo, com base na Sociolinguística laboviana (Labov, 2008), nas Crenças e Atitudes dos psicólogos sociais Lambert e Lambert (1972) e do linguista Moreno Fernández (1998), assim como nas noções de identidade segundo Bordieu (1977), Mendoza-Denton (2002), Bonnewitz (2003), Hall (2006), Kiesling (2013), Battisti (2014) e Oushiro (2019), tem como objetivo principal analisar como a convivência com diferentes grupos sociais reflete na construção da identidade, nas crenças e atitudes linguísticas de Marji, personagem principal da História em Quadrinhos (HQ): *Persépolis*. A escolha dessa história para o presente estudo justifica-se por sua importância histórica quanto ao papel da mulher em algumas comunidades do Oriente Médio e por ser a primeira HQ escrita, de forma autobiográfica, por uma mulher iraniana. Ela é narrada do ponto de vista de Marji e discorre sobre a imposição do islamismo no Irã. Nesta pesquisa de cunho descritivo e interpretativo (Moita Lopes, 1994), temos também como objetivos a) expor alguns aspectos sociais, históricos e políticos narrados, na História em Quadrinhos *Persépolis*; b) verificar, com base nos relatos da protagonista Marji, algumas imposições à mulher iraniana. A partir da análise, foi possível, de modo geral, observar como as crenças e as atitudes da protagonista influenciaram na construção de suas identidades de acordo com a participação em diferentes comunidades dentro e fora do Irã.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade. Crenças. Atitudes. *Persépolis*.

ABSTRACT: The present study, based on Labovian Sociolinguistics (Labov, 2008), on the Beliefs and Attitudes of social psychologists Lambert and Lambert (1972), and linguist Moreno Fernández (1998), as well as on notions of identity according to Bordieu (1977), Mendoza-Denton (2002), Bonnewitz (2003), Hall (2006), Kiesling (2013), Battisti (2014), and Oushiro (2019), aims to analyze how coexistence with different social groups reflects on the construction of identity, linguistic beliefs, and attitudes of Marji, the main character in the Comic Book (HQ): *Persepolis*. The choice of this story for the present study is justified by its historical importance regarding the role of women in some Middle Eastern communities and because it is the first autobiographical comic book written by an Iranian woman. It is narrated from Marji's perspective and discusses the imposition of Islamism in Iran. In this descriptive and interpretative research (Moita Lopes, 1994), we also aim to a) expose some social, historical, and political aspects narrated in the comic book *Persepolis*; b) verify, based on the

* Mestre pela UEMS, wanessarmoliveira@gmail.com.

** Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP, professora da Universidade Estadual de Londrina. dircelkailer@gmail.com

protagonist Marji's accounts, some impositions on Iranian women. Through the analysis, it was possible, in general, to observe how the beliefs and attitudes of the protagonist influenced the construction of her identities according to her participation in different communities inside and outside of Iran.

KEYWORDS: Identity. Beliefs. Attitudes. Persépolis.

Artigo recebido em: 06.09.2023

Artigo aprovado em: 27.01.2024

1 Introdução

Entendendo que a identidade está relacionada com práticas sociais dos indivíduos e é passível de mudança ao longo do tempo conforme a participação em diferentes comunidades (Bourdieu, 1977), este artigo busca analisar como a convivência com variados grupos sociais se reflete na construção da identidade, nas crenças e atitudes linguísticas da personagem Marji (Marjane), da história em quadrinhos *Persépolis*.

Persépolis é a primeira história em quadrinhos escrita por uma mulher iraniana, uma autobiografia de Marjane Satrapi, nascida em 1969, em Rasht. Essa obra ganhou vários prêmios, sendo o Prêmio Revelação do Festival Internacional de Quadrinhos de Angoulême um dos mais importantes; logo sua história foi contada nas telas dos cinemas e conhecida mundialmente. O drama abordado nesta história, ainda muito atual em vários países, reflete questões sociopolíticas do Irã e, principalmente, uma sociedade machista, na qual a mulher deve reprimir seus desejos e ser submissa ao homem. Marji, nessa viagem ao passado, reconta sua história e de outros personagens no intuito de romper com determinados paradigmas machistas da sociedade iraniana.

A revolução passa a ter mais sentido para Marji quando ela entende o porquê de seus pais viverem-na de maneira tão intensa. O pai do xá, Rezah, foi um oficial que tramou um golpe de Estado para derrubar o imperador e instaurar uma nova República.

Os ingleses, em troca de petróleo, planejaram tornar Rezah imperador, e assim aconteceu; o imperador derrubado, contudo, era o avô materno de Marji. O xá tomou

tudo o que eles tinham, deixando-os pobres. No grupo de Rezah, entretanto, não tinha ninguém capacitado, então o avô de Marji foi nomeado primeiro-ministro. Ele, porém, que já esteve no poder, como imperador, não ficou satisfeito, pois o seu desejo era governar; em decorrência disso, revoltou-se contra o governo e tornou-se comunista.

É possível visualizar, pelas lentes dos olhos da criança Marji, como era o Irã antes da Revolução Iraniana de 1979 e como passou a ser após a queda do xá¹. E assim, inicia-se a narrativa de Marjane (Marji), aos 10 anos de idade.

A partir do exposto, este texto tem como objetivo principal analisar a obra *Persépolis* (2007) no intuito de depreender como a convivência com diferentes grupos sociais e étnicos pode influenciar na construção da identidade, nas crenças e atitudes linguísticas da protagonista Marji. Além disso, busca-se também:

- a) expor alguns aspectos sociais, históricos e políticos narrados na História em Quadrinhos *Persépolis*;
- b) analisar se há algum indício de usos linguísticos que possam contribuir para a formação das identidades da protagonista Marji;
- c) verificar, com base nos relatos da protagonista Marji, algumas imposições à mulher iraniana.

Após um breve relato sobre a vida de Marji, essas configurações sociais serão apresentadas juntamente com trechos selecionados para ilustrar a relação entre os aspectos socioculturais, a variação linguística, as crenças e as atitudes e as identidades dela.

A abordagem metodológica da análise da obra está focada na pesquisa descritiva e interpretativa (Moita Lopes, 1994), como base teórica na Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008), nas Crenças e Atitudes dos psicólogos sociais Lambert e Lambert (1972) e do linguista Moreno Fernández (1998), assim como nas noções de

¹ Para mais informações a respeito da Revolução Iraniana, ver Teixeira (2016).

identidade segundo Bourdieu (1977), Mendoza-Denton (2002), Bonnewitz (2003), Hall (2006), Kiesling (2013), Battisti (2014) e Oushiro (2019).

Considerando a relação entre o uso da língua e a formação das identidades sociais de uma pessoa (Mendonza-Denton, 2002), pautamo-nos na Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008) porque ela preconiza que a língua varia e muda conforme as influências de fatores sociais e linguísticos. Nesse sentido, podemos verificar se há algum indício de usos linguísticos que possam contribuir para a formação das identidades da protagonista Marji conforme ela vai interagindo em diferentes comunidades de fala² ou de prática (Labov, 2008)³.

Buscamos embasamento também nas Crenças e Atitudes linguísticas, a partir da visão dos irmãos Lambert e Lambert (1972), psicólogos sociais, que compreendem a atitude como “uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais” ou, de modo geral, “a qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circundante. Seus componentes essenciais são os pensamentos e as crenças, os sentimentos (ou emoções) e as tendências para reagir” (Lambert; Lambert, 1972, p. 78). Para esses autores as atitudes desempenham uma função essencial na determinação do nosso comportamento, interferindo em nossos julgamentos e percepções sobre os outros (Lambert; Lambert, 1972, p. 83).

Moreno Fernández (1998) também nos respalda uma vez que entende que as atitudes influenciam decisivamente nos processos de variação e mudança linguística que se produzem nas comunidades de fala. Para esse autor, uma atitude favorável ou positiva, por exemplo, pode desencadear uma mudança linguística mais rapidamente.

² The speech community is not defined by any marked agreement in the use of language elements, so much as by participation in a set of shared norms; these norms may be observed in overt types of evaluative behavior, and by the uniformity of abstract patterns of variation which are invariant in respect to particular levels of usage (Labov, 1972, p. 120-21).

³ An aggregate of peoples who come together around mutual engagement in a endeavor. Ways of doing things, ways of talking, values, power relations – in short, practices – emerges in the course of this mutual endeavor. As a social construct, a CofP is different from the traditional community, primarily because it is defined simultaneously by its membership and by the practice in which that membership engages (Eckert; McConnel-Ginnet, 1992, p. 464).

Ela pode, por exemplo, em determinados contextos, propiciar o predomínio do uso de uma língua em detrimento de outra, pode possibilitar que o ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira seja mais eficaz e que certas variantes linguísticas se restrinjam aos contextos menos formais e outras predominem nos estilos cuidadosos. “Uma atitude desfavorável ou negativa pode, segundo o autor, levar ao abandono e ao esquecimento de uma língua ou impedir a difusão de uma variante ou uma mudança linguística” (Moreno Fernández, 1998, p. 179).

Ao estarmos inseridos em uma determinada comunidade ou grupo, são nos transmitidas as normas, os valores, os costumes e as crenças que regem nossas práticas, nossas ações, nossos comportamentos, nossa própria língua. Tudo isso constitui a nossa cultura e molda nossa identidade. Esta, segundo Oushiro (2019), é “um processo de criação de sentidos que deve ser ao mesmo tempo individual e coletivo. A construção de sentidos se dá sempre dentro de uma matriz cultural e ideológica, sobre a qual o indivíduo não exerce total controle” (Oushiro, 2019, p. 309).

Nesta mesma direção Mendoza-Denton (2002, p. 475) define a identidade como “a negociação ativa da relação de um indivíduo com construtos sociais mais amplos, na medida em que essa negociação é sinalizada através de meios linguísticos e outros meios semióticos”.

Hall (2006, p. 13), por sua vez, salienta que “à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente”.

Kiesling (2013, p. 450) compreende a identidade como “um estado ou processo de relação entre o ‘eu’ e o ‘outro’; a identidade é como os indivíduos definem, criam, ou pensam sobre si em termos de sua relação com outros indivíduos e grupos, sejam eles reais ou imaginários”. Battisti (2014, p. 81) também remete a construção da identidade à negociação de significados de experiências de pertencimento a diferentes grupos sociais.

Como explica Bonnewitz (2003), viver em sociedade implica socialização, isto é, aprendizagem de normas, valores e crenças de coletividades que regem práticas, ações e comportamentos. Neste sentido, pautadas nos pressupostos teóricos da Sociolinguística, das Crenças e Atitudes Linguísticas e das noções de Identidade, conforme já mencionamos e traçamos em nossos objetivos, primeiramente descrevemos e, em seguida, interpretamos a linguagem e as atitudes de protagonista Marji na HQ *Persépolis* e as possíveis relações delas com suas crenças e identidade.

2 A Marji

Figura 1 – O véu.



Fonte: Satrapi (2007, p. 6).

A narrativa sobre a vida de Marjane inicia-se com a imposição do véu às mulheres iranianas. De repente, quando ela tinha 10 anos de idade, logo após a Revolução Islâmica, as meninas foram obrigadas a fazer uso do véu, mesmo sem entender qual era o sentido dessa imposição. Outras mudanças também impactaram a vida das crianças, como por exemplo, as escolas bilíngues terem sido fechadas e os meninos separados das meninas.

Entre a modernidade e a religião, desde os seis anos de idade, ela queria ser profeta e tinha muitas conversas com Deus; pena que ninguém, além de sua avó, aprovava a escolha de sua futura profissão, nem mesmo a professora. Era,

frequentemente, zombada na escola e repelida por seus pais. A sociedade não aceitaria uma mulher profeta.

Em 1979, a Revolução aconteceu, Marjane imitando os seus pais, que eram revolucionários, viu a oportunidade de ir às ruas para participar das manifestações. Com isso, Deus foi ficando de lado e outros personagens começaram a fazer parte da mente da protagonista, como Fidel Castro e Che Guevara, entre outros representantes de uma geração inconformada com a imposição de seus governantes. O envolvimento direto de seus pais na Revolução, também impactou a vida de Marji, pois seus pais estavam sempre cansados e não tinham mais tempo para ela.



Fonte: Satrapi (2007, p. 13).

A partir de várias leituras para entender o que estava acontecendo em seu país, muitos questionamentos começaram a surgir, como por exemplo, as histórias de crianças tão pequenas que começaram a trabalhar cedo; o fato de ter uma empregada que foi morar com seus pais com apenas oito anos de idade, uma criança separada dos seus 14 irmãos que também foram dados ao trabalho. A menina não entendia por que a classe social era tão importante, exclusiva a ponto de a empregada não poder namorar com o filho do vizinho. A revolta foi tão grande que, pela primeira vez, as

duas foram para as ruas se manifestar contra a desigualdade social: “Viva a República! Abaixo o xá!” (Satrapi, 2007, p. 42).

Depois de muita pressão, o rei finalmente cedeu à vontade do povo e retirou-se. Com isso, houve o retorno das aulas, meninas e meninos voltaram a estudar juntos. Um novo tempo parecia surgir, mas muita perseguição e morte constituíram um cenário de falsa esperança, acontecimentos esses que chegaram até a casa de Marji.

Figura 3 – O bombardeio.



Fonte: Satrapi (2007, p. 74).

Um salto na história é necessário. O Irã tornou-se um lugar terrivelmente perigoso. A guerra tinha sido anunciada: “os fundamentalistas iranianos provocaram seus aliados xiitas do Iraque contra Saddam” (Satrapi, 2007, p. 82). Os relatos eram os piores, porém, com o passar do tempo, já estavam acostumados. O problema era a sinceridade de Marji, a influência de pais revolucionários, as muitas leituras e a perda

de pessoas queridas devido aos bombardeios. Tudo isso fez com que os seus pensamentos críticos fossem vistos como rebeldia e o país tornasse ainda mais perigoso para ela. Então, quando ela tinha 14 anos de idade, em 1984, mudou-se para a Áustria para morar em Viena, junto com a melhor amiga de sua mãe, Zozo, mãe de Chirin.

Zozo, que não gostava de Marji e brigava o tempo todo com o esposo, instalou a adolescente em uma pensão mantida por freiras. Inicia-se a nova trajetória da adolescente iraniana em outra cultura totalmente diferente da sua, sem a presença dos pais para protegê-la e da avó para tranquilizá-la. Seus dias na pensão não duraram muito; logo seu temperamento estourado e sua sinceridade incontrolável a fizeram ser expulsa. Depois disso, ela foi morar com sua amiga Julie, cuja companhia despertou curiosidade sobre a vida sexual.

Nessa fase, Marji tinha passado por uma transformação mental: nunca imaginou viver em uma cultura tão diferente da sua, na qual os pais ficavam sem uma resposta de seus filhos, o sexo não era sagrado e poderia acontecer antes do casamento.

A transformação física dos 15 aos 16 anos foi impactante para ela e mais difícil de ser aceita nessa nova comunidade. No intuito de se parecer com o grupo de adolescentes, simulou que fumava maconha e resolveu cortar seu próprio cabelo. Fez tanto sucesso que passou a ser a cabeleireira oficial do Liceu. No entanto, essas atitudes a entristeciam.

A personagem queria esquecer as lembranças do Irã, mas eram fortes demais para isso. Cada conversa com seus pais lhe trazia desapontamento, pois não gostava da pessoa que se tornara. Chegou ao ponto de negar sua própria identidade: “na época o Irã era o mal, e ser iraniana era um peso, era mais fácil mentir que assumir” (Satrapi, 2007, p. 197).

Figura 4 – Distanciamento da cultura.



Fonte: Satrapi (2007, p. 195).

Depois que Julie e sua mãe foram embora, ela foi morar em um alojamento compartilhado por uma comunidade onde todos os inquilinos eram homens homossexuais. Nesse período, Marji começou a namorar Enrique; ela estava enlouquecida para viver um amor moderno, perder a virgindade e ser livre, mas Enrique confessou ser homossexual o que a deixou ainda mais frustrada. Em seguida, sua mãe foi visitá-la, ficou um mês em sua companhia, o suficiente para renovar as suas emoções em relação a muitas outras mudanças, inclusive seu novo endereço: a casa da Frau Doktor Heller.

A rejeição de Enrique fez com que Marji se sentisse feia, com a autoestima baixa e pouco autoconfiança, a solidão a atormentava, o que deixava mais preocupada com os seus pais e seu país, fatos que a levaram a passar os finais de semana fumando para esconder-se de sua atual situação.

Algum tempo depois, Marji encontra Markus, o seu novo amor, com o qual ela realiza seus desejos carnisais, apesar de a mãe dele a odiar por ser iraniana. No intuito de impressioná-lo, Marji começa a ser passadora de drogas. A boa formação recebida de seus pais, porém, ainda a influenciava, tanto que não deixou os estudos e logo parou de se envolver com o tráfico.

Após quatro anos morando em Viena, ela gastou todo o dinheiro, que seus pais mandaram para passar um ano, pagando as contas e ajudando Markus, que a traiu e a deixou em estado decadente, sem ter onde morar.

Ancoradas em Lambert e Lambert (1972, p.78), podemos observar que, essas atitudes de Marji, ou seja, seu modo “de pensar, sentir e reagir em relação às pessoas, grupos e questões sociais” transparecem em suas crenças e em suas atitudes.

Figura 5 — Fundo do poço.



Fonte: Satrapi (2007, p. 241).

Já morando na rua, em um dia de inverno rigoroso, Marji passou mal e ficou internada. Foi um milagre ter sobrevivido, o médico a orientou a nunca mais fumar, pois poderia ser fatal. Percebendo sua condição precária, ela voltou para a casa de seus pais. Uma nova trama é narrada a partir desse recomeço. Além do uso do véu, ela precisava voltar a se acostumar e se adaptar às mudanças ocorridas no período em que esteve fora.

Marji não tinha noção do que estava acontecendo em seu país, pois simplesmente escolheu ignorar e até tentar esquecer que era iraniana, mas pelos relatos de seu pai, ela pôde entender o que aconteceu no Irã enquanto esteve distante:

Um mês antes do armistício, o Iraque começou a bombardear Teerã todos os dias, como se fosse preciso destruir o máximo possível antes do fim... A paz ainda não tinha sido anunciada quando os grupos armados de oposição ao Regime Islâmico, os mujahidin iranianos, entraram no país pela fronteira iraquiana com o apoio de Saddam Hussein para libertar o Irã de seus dirigentes integristas. Os mujahidin pensavam que, como a guerra estava no fim, o nosso exército estaria exausto e não teria como lutar. Os mujahidin também sabiam que a maioria dos iranianos eram contra o regime e que contavam com o apoio popular. Mas tinha só uma coisa que eles não previram: entraram pelo “Iraque”. O mesmo Iraque que nos atacou e contra o qual nós lutamos durante 8 anos... (Satrapi, 2007, p. 256, 257).

O pai também conta que o governo decidiu acabar com o problema propondo aos presos que, se eles abjurassem seus ideais revolucionários e prometessem fidelidade e lealdade à República Islâmica, terminariam de pagar a pena (Satrapi, 2007, p. 257).

Ao retornar, a cobrança familiar foi grande, sentiu-se obrigada a relatar o seu fracasso na Áustria e, para tentar se encaixar nesse novo cenário, buscou vários serviços e muitos psicoterapeutas. Tentou inclusive o suicídio, mas não obteve êxito.

Assim, uma nova expectativa de vida surgiu: ela e seu atual namorado, Reza, foram aprovados em um concurso nacional em Artes Gráficas. No Irã, namorar não era permitido em público, em várias batidas policiais eram questionados sobre o porquê de estarem juntos se não eram casados; aliás, até os casados deveriam andar com a certidão de casamento no bolso.

Marji enfrentou o regime como pôde, mesmo nos detalhes, ela buscava fazer a diferença: mostrando o pulso, rindo alto, tendo um *walkman*, usando o véu mais curto, entre outras coisas. Na universidade, rapidamente conheceu pessoas que compactuavam com suas crenças e atitudes e juntos realizavam festas clandestinas,

por vezes descobertas, até que, em uma noite, em uma dessas batidas, mataram seu amigo. Em 1991, ela é pedida em casamento por Reza, aceita, mas sofre com essa decisão.

Figura 6 —O arrependimento.



Fonte: Satrapi (2007, p. 319).

Em um mês de casados, estavam dormindo em quartos separados, e as brigas eram frequentes. Cada um vivia a sua própria vida. Neste mesmo ano, o Iraque atacou o Kuwait, e a guerra no Golfo amedrontou os europeus. Na rotina de sua família, porém, nada havia mudado.

O divórcio parecia a solução; no entanto, ser divorciada, para uma mulher iraniana, levaria todos os homens a pensar que ela estaria disponível para o sexo, por não ser mais virgem. Cabe destacar que, na cultura iraniana, além dessa opressão, a mulher depende de o marido conceder o divórcio e, se isso ocorrer, a guarda dos filhos fica com o homem, pois as mulheres não tinham o direito à escolha, a se expressar, não tinham voz, nem mesmo poderiam testemunhar em caso de homicídio.

Em setembro de 1994, Marji decide morar na França para não mais voltar. Diante do túmulo do seu avô, prometeu que ele se sentiria orgulho dela. A partida desta vez tinha sido diferente, estava crescida, com uma bagagem de liberdade; o cenário sem guerra daria forças a ela para seguir sozinha. Finalizada a descrição de

alguns trechos da obra de Marjane, apresentamos, a seguir, a análise desses trechos com base no referencial teórico mencionado anteriormente

3 Língua, cultura e identidade de Marji

Conforme Kiesling (2013, p. 450) a identidade é “um estado ou processo de relação entre o ‘eu’ e o ‘outro’, a identidade é como os indivíduos definem, criam, ou pensam sobre si em termos de sua relação com outros indivíduos e grupos, sejam eles reais ou imaginários” É possível observar a construção de novas identidades, consciente ou inconscientemente, quando a personagem, ao se deparar com outras culturas, passa a ter novos hábitos, como o de usar as roupas semelhantes às do grupo em que está inserida ou mudar o visual, cortar o cabelo, mudar o estilo de vida e o seu vocabulário.

Uma amostra dessa tentativa de aceitação é perceptível na escolha de seu repertório linguístico: Marji se expressa com um sotaque diferente do tradicionalmente falado pelos iranianos. Isso é demonstrado na cena em que ela tenta falar como uma francesa e, ao ser questionada sobre sua origem, não consegue manter seu disfarce e esconder as marcas linguísticas iraniana, de sua cultura e a sua identidade linguística.

Apesar da visão que tinham do povo iraniano, negar sua origem não era bem-visto, pois a sociedade esperava que ela honrasse e se comportasse conforme os padrões de sua nacionalidade. Sua postura, entretanto, desde a primeira pergunta sobre sua religião, mostrava Marji, a todo momento, tentando se passar por uma francesa no intuito de ser aceita pelos austríacos.

Ela se torna alvo de preconceito tanto pela fala quanto pela sua aparência. Isso fica evidente nos seguintes comentários: “Já viu como ela fala?”, “Viu a cara dela?” – “Ah, é, você tem um sotaque engraçado para uma francesa”, “ Eu me mataria se meu irmão saísse com uma baranga dessas” (Satrapi, 2007, p. 197, 198).

Figura 7 – Negação à sua identidade.

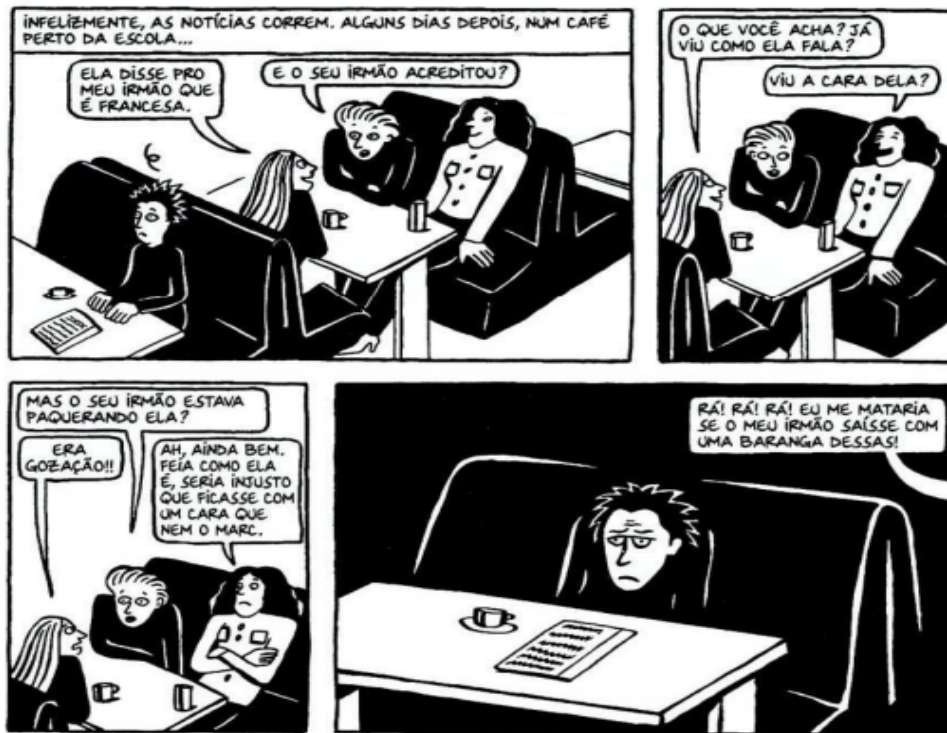


Fonte: Satrapi (2007, p. 197).

Marji tenta fingir que tinha outra etnia, usando a língua francesa que aprendeu em seu colégio no Irã. Na visão da protagonista, se usasse uma língua “de maior prestígio”, a francesa, poderia ser aceita pelo grupo, mas sua deslealdade linguística não foi suficiente para apagar as marcas de sua origem. Apesar de a personagem não obter êxito, essa atitude desfavorável ou favorável em relação às línguas (iraniana e francesa), relatada na HQ Persépolis, ocorre com frequência em países que possuem línguas em contato e pode, segundo Moreno Fernández (1998, p.179), propiciar o predomínio do uso de uma língua em detrimento de outra.

Outro ponto importante para ser destacado é a avaliação que as outras pessoas fazem do sotaque de Marji. Isso evidencia que o preconceito não é apenas linguístico, ele é social, e, no caso da protagonista, também étnico. Marji tem essa percepção e tenta esconder sua origem, por acreditar que o povo iraniano não possui o mesmo prestígio que o povo francês naquela comunidade.

Figura 8 – Crise.



Fonte: Satrapi (2007, p. 198).

Ao aparecer se escondendo depois de ouvir os comentários sobre ela, fica demonstrado o desconforto de Marji, pois essas mudanças na tentativa de se assemelhar aos seus colegas não foram suficientes para que ela fosse aceita pelo grupo.

Diante dessa constatação, Marji repensa como estava lidando com as situações de conflito em que ela se envolveu, omitindo sua origem. Por alguns momentos, havia deixado de ser aquela menina autêntica para tentar agradar a todos. Frustrada, percebeu que não é possível apagar o passado; muitas vezes, afastar-se da sua tradição familiar e de suas crenças só fizeram com que ela se envolvesse em mais problemas, por isso resolve assumir sua nacionalidade.

O preconceito, conforme Lambert; Lambert (1972, p. 78), “destaca os componentes essenciais que encontramos em todos os tipos de atitudes”. Como vimos, no início, ela não sabia lidar com as diferenças entre ela e os austríacos, mas depois percebeu que a raiz do preconceito estava em sua origem, por isso, recebia tantas críticas.

Figura 9 – A aceitação de sua identidade.



Fonte: Satrapi (2007, p. 199).

Cabe destacar também que o preconceito geralmente começa com o desrespeito e abrange vários níveis: o racismo, a homofobia, a regionalidade, as classes socioeconômicas menos prestigiadas, entre outros. Sobre isso Bagno (1999, p. 70) comenta que “os preconceitos, como bem sabemos, impregnam-se de tal maneira na mentalidade das pessoas, que as atitudes preconceituosas se tornam parte integrante do nosso próprio modo de ser e de estar no mundo”. Ao praticar o preconceito, quem o comete atinge a pessoa em sua totalidade, fazendo com que ela mude o modo de se relacionar podendo se calar, se esconder ou se rebelar.

Observando o comportamento de Marji que começa a fumar maconha e heroína por uma questão de “solidariedade”, constatamos que a construção dessa sua identidade ocorre por meio da negociação de significados de experiências de pertencimento a diferentes grupos sociais (Battisti, 2014, p. 81). Essa sua postura entra em conflito com algumas de suas crenças, pois, em seu relato, Marji diz que toda vez que alguém oferecia um baseado, ela se lembrava das conversas com seus pais sobre seu primo Kanran, que, para seu pai, fumava porque era um fraco.

Ser uma pessoa fraca não era uma opção para Marji, diante disso, era melhor fingir fumar, enfiar os dedos nos olhos para ficarem vermelhos e ter falsos ataques de risos para fazer parte do ciclo de amizade. Nessas atitudes, mais uma vez vemos a mudança de comportamento de Marji para poder pertencer ao grupo. Isso gerava um conflito identitário entre a identidade construída a partir de sua cultura e crenças

familiares e essa/s identidade/s que assumia nessas novas comunidades que estava frequentando.

Conforme discorre a história, Marji reage diferentemente do que ela mesma esperava. É possível verificar, em suas atitudes, a construção consciente ou inconsciente dessas novas identidades em que ela demonstrou ser outra pessoa para agradar alguém ou para ter amigos, ou seja, para assemelhar-se ao grupo (Battisti, 2014; Oushiro, 2019).

Podemos, mais uma vez, verificar as diferentes identidades de Marji em sua busca por aceitação pois, conforme destaca Hall (2006, p. 13), “à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam,” Marji é confrontada por múltiplas identidades com as quais ela tenta se identificar, “ao menos temporariamente”, seja com seus amigos fumantes descolados do Liceu ou com suas velhas amigas iranianas que estavam totalmente diferentes após os anos em que ela esteve fora do Irã.

Marji passa por diversas situações de preconceito. Um dia, em um metrô, ela é vítima de xenofobia, um senhor alemão a expulsa aos gritos dizendo: “fora, estrangeira suja!” (Satrapi, 2007, p. 222). Ela acredita que isso se deva ao fato de o Irã estar em guerra e ela não estar defendendo o seu país.

Marji também sofre preconceito em suas relações mais próximas, como por exemplo, quando a mãe de seu namorado, que também era alemã, dizia que Marji abusava de Markus e da situação dele para obter passaporte austríaco e mais: que a iraniana era uma feiticeira. Ser uma iraniana, naquele contexto em que seu país estava em guerra, trazia a imagem de que todos os iranianos eram maus e aproveitadores. Ela, portanto, mais uma vez é vítima de xenofobia e é julgada pela sua aparência, sua fala e por a mãe de seu namorado acreditar que a relação de Marji com seu filho fosse apenas por interesse.

Figura 10 — Prostituta secreta.



Fonte: Satrapi (2007, p. 223).

A mãe de Markus deixou bem claro que o seu julgamento aconteceu porque, no seu entendimento, Marji, está fora de um padrão social iraniano, pois era uma jovem que mantinha relação sexual antes do casamento. Para essa senhora, Marji, sendo uma mulher iraniana, não poderia agir como as austríacas.

3.1 Crenças e as Atitudes

As atitudes podem dizer muito sobre o que as pessoas pensam, como agem, reagem diante das situações sociais, como se comportam e no que acreditam. As atitudes e as crenças são responsáveis pela construção da identidade.

O local em que Marji estava inserida não se igualava à cultura e às tradições do Irã, mesmo assim, residindo em locais diferentes, ela teve a oportunidade de conviver com a diversidade, conforme mostra a Figura 11. Embora sejam pessoas distintas, ela se sentiu acolhida, talvez porque cada um, à sua maneira, possa ter sofrido algum tipo de exclusão e isso os identificava.

Figura 11 – Uma nova comunidade.



Fonte: Satrapi (2007, p. 169).

Bem (1973) defende que as atitudes estejam relacionadas ao cognitivo e que o modo como as pessoas reagem às outras demonstra as percepções que começam no pensamento. Lambert e Lambert (1972), por sua vez, acreditam que as pessoas têm objetivos expressos em suas atitudes em função de suas crenças. Podemos verificar, nas figuras, a seguir, o uso das crenças para persuadir as pessoas de que seria uma glória serem mártires.

Na manipulação das crenças desses jovens, a chave dourada simbolizava o paraíso, pois os meninos foram levados a acreditar que, se lutassem e morressem, iriam para esse lugar onde teriam muita comida, casas de ouro, mulheres e viveriam sem preocupação. Essa crença motivava-os a arriscar suas vidas.

Figura 12 – Manipulação das crenças dos jovens.



Fonte: Satrapi (2007, p. 104).

Figura 13 – A chave dourada.



Fonte: Satrapi (2007, p. 105).

Nos relatos de Marji, muitos jovens, por imposição de um governo ditador, foram levados à morte. Inclusive, o filho de sua faxineira, Bim, que era seu amigo, de apenas 14 anos de idade. A mãe dele se viu em um dilema, entre perder o seu filho na guerra ou manter a fidelidade à sua crença religiosa.

Marji recebeu muitas influências por conta das leituras sugeridas por seus pais e sua avó, principalmente neste período de início da revolução. Essas leituras eram para entender por que as pessoas se revoltam ou para se inteirar sobre o que estava acontecendo em seu país. Ao ler Ali Achraf Darvichian, Marji chegou à seguinte conclusão: “A razão da minha vergonha e da Revolução era a mesma: a diferença entre as classes sociais” (Satrapi, 2007, p. 36).

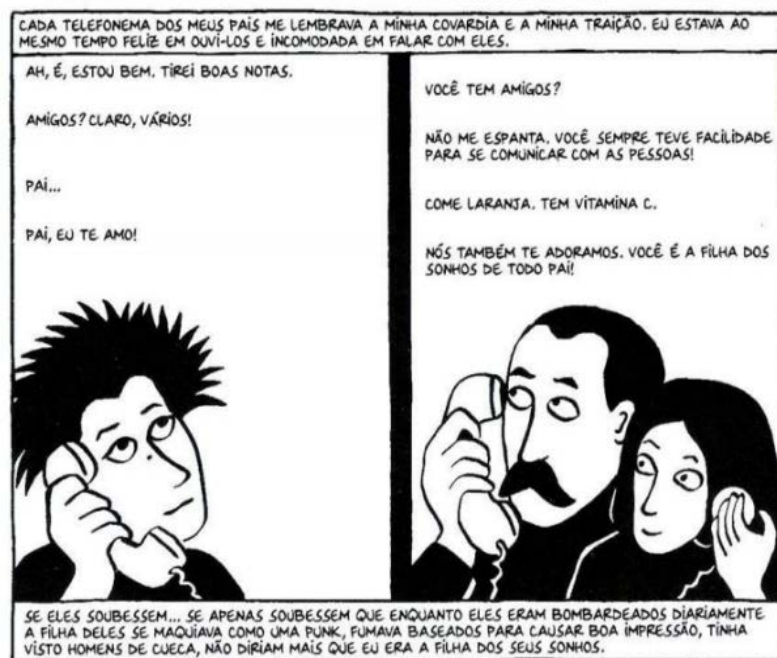
Esse conflito interno gerou preocupações com as atitudes que estavam condicionadas aos conflitos sociais e ideológicos que forjaram seu caráter sensível às classes menos favorecidas.

Importante destacar as mudanças repentinas, cotidianas pelas quais Marji teve que passar diante do novo cenário político implantado em seu país; como citado, suas práticas e experiências estavam sendo forjadas pelo discurso representativo de seus pais.

Após a queda do xá, as aulas retornaram e, com elas, o sentimento de revolta de Marji não tinha acabado. Um dia na escola, em conversa com os seus amigos, Marji ficou sabendo que o pai de Ramin, que fazia parte do Savak, tinha matado um milhão de pessoas. Indignada, ela teve a ideia de fazer justiça, encaixar uns pregos entre os dedos e dar um soco-inglês em Ramin.

Ao ver toda a euforia, a mãe de Marji a repreendeu e disse que era preciso perdoar. Essa atitude não vinha ao encontro dos últimos acontecimentos, mas, ao conversar com Ramin, ele disse que não havia remorso em matar os comunistas (Satrapi, 2007). Essa situação causou desconforto à personagem, pois as referências de vingança eram o que o cenário apresentava, desde quando o seu avô perdeu riqueza e poder por ordem de xá.

Figura 14 – A filha dos sonhos de todo pai.



Fonte: Satrapi (2007, p. 195).

Na Figura 13, é possível ver que as atitudes de Marji não coincidiam com as crenças dela e de seus pais ao que se refere a ser “a filha dos sonhos”. A imagem que os pais tinham dela, era da menina que havia saído de casa, provavelmente não reconheceriam sua primogênita com as mudanças físicas e comportamentais. Por isso, ser apresentada ao novo contexto geográfico, a novas pessoas, a novos costumes, de maneira surpreendente, fez com que ela mudasse o seu visual, seu comportamento e sua identidade social.

O modo como ela lidou com as diferenças culturais nem sempre possibilitou que ela se enquadrasse no cotidiano das pessoas.

Os jovens de Viena, por exemplo, eram politizados, mas não sabiam o que era lutar em uma revolução. Marji tinha uma opinião política totalmente diferente da deles, sempre quando o assunto era política, ela tinha propriedade para falar de um ponto de vista de alguém que vivenciou a guerra. No cenário de conflitos e guerras, por exemplo, Marji não admitia ser apenas mais uma menina silenciada por uma imposição islâmica; desde muito cedo, influenciadas pelos seus pais demonstrava

integridade às suas convicções, tendo uma sinceridade sarcástica e perigosa, para uma iraniana.

O conflito de realidades evidencia-se desde que ela se mudou para Viena. Quando uma pessoa se apresenta fora do padrão estabelecido pela comunidade, estereótipos podem ser criados para desqualificar as suas escolhas. Essas atitudes preconceituosas de pessoas ou grupos geralmente refletem suas crenças e, para se fazer pertencer, é possível que a pessoa adquira novos costumes, hábitos e mude sua identidade, conforme ocorreu com Marji.

3.2 Aspectos sociais

A família de Marji era bem instruída e financeiramente estável. O pai era engenheiro e eles tinham poder aquisitivo até melhor que os amigos dela da escola. Ela estudava em uma escola bilíngue francesa e laica e fazia, frequentemente, viagens internacionais. Com o desejo de ser profeta, questionava o fato de seus pais serem modernos e, ao mesmo tempo, ditadores iguais aos impositores do poder.

Figura 15 — Eu queria ser profeta.



Fonte: Satrapi (2007, p. 09).

Marji, por vezes, sentia vergonha porque seu pai tinha um carro melhor do que os pais de seus amigos e, mesmo a empregada morando com eles desde os seus oito

anos de idade, não compreendia por que Mehri não podia se sentar com eles à mesa. Logo ela entendeu que era devido às classes sociais distintas.

Figura 16 – Classes sociais.



Fonte: Satrapi (2007, p. 40).

Devido a essas questões sociais, Mehri não aprendeu a ler, como a maioria das meninas; foi entregue para a família de Marji para ser empregada, não poderia namorar com vizinho, por serem de classes sociais distintas, não pôde frequentar a escola e nem ter uma expectativa de vida semelhante à de Marji. Tanto que, depois que Marji vai para a Áustria, a personagem da empregada não aparece mais na trama.

O fator social está evidenciado desde o início da narrativa, inclusive os vários fatores históricos, como o início da Revolução Islâmica no Irã, a ditadura religiosa imposta, quando o correto era rezar em árabe várias vezes ao dia, conhecer o Alcorão e a filosofia do xiismo, ser um mártir, entre outras coisas; a imposição do véu foi apenas o começo para as mulheres perderem ainda mais os seus direitos.

Sobre essa imposição, Sedghi (2007, p. 193) comenta que “as mulheres buscavam uma nova resposta para a vida que elas consideravam alienante, e essa resposta caiu sobre o Islã”. Porque a religião do islamismo representava uma oposição ao governo de xá, que não era apoiado pela maioria da população.

Cabe destacar que, após a guerra de 1980-1988, segundo Moretão (2017), onde um milhão de iranianos morreram, a maioria homens, a mulher foi inserida no

mercado de trabalho pela necessidade de mão de obra, com isso, outros direitos foram conquistados.

Ao voltar para seu país, Marji deparou-se com muitas mudanças, as amigas, os familiares, os pais pareciam ocupar um lugar diferente naquela cadeia; mas ela também havia mudado tanto, a ponto de sua mãe vê-la como uma mulher adulta.

O contato com as suas amigas após sair de Viena e voltar para a sua família despertou em Marji uma expectativa de pertencimento, de reviver uma fase boa de sua vida, já que elas tinham a mesma idade. Todavia, com a vivência de Marji, seus objetivos eram diferentes, por isso já não se identificavam. Enquanto suas amigas eram agressivas, considerando-a uma ocidental decadente e questionando sua transformação: “Então qual é a diferença entre você e uma puta???” , ela não compreendia como “por trás da aparência de mulheres modernas”, suas amigas ainda “eram autênticas tradicionalistas” (Satrapi, 2007, p. 272).

Por meio dos relatos de Marji é possível vermos algumas opressões à mulher iraniana, como, por exemplo, a menina pobre que, desde os oito anos de idade, começa a trabalhar na casa da protagonista; a imposição no uso do véu e de vestimentas que cobrissem todo o corpo da mulher desde muito cedo; não poder ser profeta porque era uma mulher; ter o direito ao divórcio apenas se o marido concedesse e, mesmo assim, não ter o direito a guarda dos filhos; ser considerada um objeto sexual por não ser virgem; não ter voz nem para testemunhar em caso de um homicídio.

Além disso, podemos ver, durante o percurso da protagonista, Marji, o preconceito sofrido fora e dentro de seu país. No exterior, por ser uma mulher iraniana, com crenças e atitudes diferentes do povo austríaco. No Irã, também sofre preconceito, inclusive das próprias mulheres, pelas experiências que teve no mundo ocidental. Tudo isso, no entanto, apesar de abalar a protagonista a ponto de tentar suicídio, faz com que amadureça, profissionalize-se, cuide de sua aparência e recomece uma nova vida no exterior.

5 Considerações finais

Na obra, fica perceptível que a protagonista cria identidades, consciente ou inconscientemente, devido às influências recebidas nos diferentes grupos sociais desde a infância, com sua família em seu país, até os valores aprendidos por uma imposição política e as diferentes influências culturais que recebeu como imigrante. Todas essas novas experiências levaram a personagem a refletir sobre suas origens e a se tornar uma mulher forte.

Conforme nossos objetivos, expusemos, no presente texto, alguns aspectos sociais, históricos e políticos narrados, na História em Quadrinhos *Persépolis* (Satrapi, 2007), em relação à Revolução Islâmica no território iraniano, especialmente em Rasht, onde a protagonista, Marji (Marjane), morava. Nesta HQ está retratado o ponto de vista de Marji, sobre a sua vida antes, durante e depois da Revolução Iraniana, o que compreende dos seus dez aos 24 anos de idade. Ela relata os impactos sofridos por: uma criança que dos dez aos 14 anos vivencia a guerra; uma adolescente crítica de 14 anos que precisa deixar seu país; uma mulher iraniana, oprimida fora e dentro do Irã.

Analisamos também as crenças e as atitudes de Marji, tendo em vista que elas são o modo de agir/reagir diante das situações do dia a dia. Verificamos que, na Áustria, com a finalidade de ser aceita, Marji tem várias atitudes, como, por exemplo, negar sua origem por vergonha de ser uma iraniana, mudar a sua aparência, fazer uso de drogas e tentar se passar por uma francesa para esconder a sua nacionalidade. No entanto, tudo isso não foi suficiente, pois torna-se vítima de preconceito em decorrência de suas atitudes. Esse fato fez com que a protagonista passasse a mostrar uma nova postura de aceitação e valorização da sua origem.

E por fim, ainda em consonância com nossos objetivos, verificamos, com base nos relatos da protagonista Marji, algumas imposições à mulher iraniana, como, por exemplo, o uso do véu, a proibição do uso de calça, de maquiagem, não ter o poder de posicionar criticamente, não ter o direito a decidir se divorciar, a perda dos filhos caso

o esposo concedesse o divórcio e a vulnerabilidade sexual no caso de ser divorciada ou não ser mais virgem.

Além de observar a relação entre as crenças e as atitudes e as identidades da protagonista Marji, analisar essa obra tem uma importância política e social que transpassa os estudos da linguagem, visto que a HQ aborda, entre outros assuntos, a perda de direitos da mulher. Não foi possível desvencilhar as questões políticas e sociais abordadas na narrativa com os acontecimentos atuais. Elas estão em consonância com o momento político vivenciado, por exemplo, no Afeganistão em 2021, quando o aliado retirou suas tropas de apoio ao país, possibilitando ao Talibã assumir o poder com violência gerando muitos conflitos político-sociais. Quando as mulheres temendo, por exemplo, perder os poucos direitos que tinham e buscaram fugir do país como refugiadas para não serem caladas, abusadas ou mortas, simplesmente pelo fato de serem mulheres. Nesse sentido, compreendemos que essa narrativa ainda retrata um problema atual vivenciado em muitos países.

Referências

BAGNO, M. **Preconceito Linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: edições Loyola, 1999.

BATTISTI, E. Redes sociais, identidade e variação linguística. *In*: FREITAG, R. M. Ko (ed.). **Metodologia de coleta e manipulação de dados em Sociolinguística**. São Paulo: Blucher, 2014. p. 79–98. DOI <https://doi.org/10.5151/BlucherOA-MCMLS-7cap>

BEM, D. J. **Convicções, atitudes e assuntos humanos**. Trad. Carolina Martuscelli Bori. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1973.

BISINOTO, L. S. J. **Atitudes sociolinguísticas em Cáceres-MT**: efeitos do processo migratório. Dissertação de Mestrado. Campinas: Unicamp, Instituto de Estudos da Linguagem, 2000.

BOURDIEU, P. **Outline of a theory of practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977. DOI <https://doi.org/10.1017/CBO9780511812507>

BONNEWITZ, P. **Primeiras lições sobre a sociologia de P. Bourdieu**. Petrópolis: Vozes, 2003.

ECKERT, P.; MC-CONNELL-GINET, S. Think practically and look locally: Language and gender as community-based practice. **Annual review of Anthropology**. Vol. 27, p. 461-90, 1992. DOI <https://doi.org/10.1146/annurev.anthro.21.1.461>

FERNÁNDEZ, F. M. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Ariel, 1998.

HALL, S. **A identidade cultural da pós-modernidade**. São Paulo: DP&A, 2006.

LABOV, W. **Padrões sociolingüísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LAMBERT, W. W.; LAMBERT, W. E. **Psicologia social**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

KIESLING, S. F. Constructing identity. *In*: CHAMBERS, J. K.; SCHILLING, N. (ed.), **The handbook of language variation and change**. 2 ed. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2013. p. 448–467. DOI <https://doi.org/10.1002/9781118335598.ch21>

MENDOZA-DENTON, N. Language and identity. *In*: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (ed.). **The handbook of language variation and change**. 1 ed. Malden, MA: Blackwell, 2002. p. 475–499. DOI <https://doi.org/10.1111/b.9781405116923.2003.00027.x>

LOPES, L. P. da M. Pesquisa interpretativista em lingüística aplicada: a linguagem como condição e solução. **DELTA: Documentação E Estudos Em Linguística Teórica E Aplicada**, 10 (2), 2019.

MORETÃO, A. S. A posição da mulher no Irã da mulher no Irã antes e depois da Revolução Iraniana em composição com a Turquia. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress** (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017.

OUSHIRO, L. Conceitos de Identidade e Métodos para seu estudo na Sociolingüística. *Revista Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador; nº 63, núm. ESP, 2019. pp. 304-325. DOI <https://doi.org/10.9771/ell.v0i63.33777>

SATRAPI, M. **Persépolis**. Trad. Paulo Werneck. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SCHLIEBEN-LANGE, B. **História do falar e história da linguística**. Tradução: Fernando Tarallo et al. Campinas: UNICAMP, 1993.

SEDGHI, H. **Women and Politics in Iran: Veiling, Unveiling and Reveiling**. 1. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. DOI <https://doi.org/10.1017/CBO9780511510380>

TEIXEIRA, U. T. **Promoção de Democracia e Apoio a Governos Autoritários pelos Estados Unidos: transições de regime e realinhamentos de política externa no Irã e no Egito** / Ulysses Tavares Teixeira – Brasília, 2016.